

Balada das águas mortas do Rio Doce

Balada das águas mortas do Rio Doce – William Soares dos Santos

Biografia do autor: William Soares dos Santos é Mestre em Linguística Aplicada pela UFRJ e Doutor em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, Professor da UFRJ e escritor.

Resumo do Texto: Poema sobre a tragédia do Rio Doce.

Tento
apreender
as rodas do vento,
as rodas do ar,
as voltas do rio,
as voltas do tempo.

Quanto senso
é necessário
para fazer renascer
as águas mortas
pela infâmia?

Era uma vez um rio surgido
da Serra da Mantiqueira
e de suas entranhas.
Do encontro
das águas do
Carmo com as do Piranga
e, que por sua lida,
inundava com seu bastião
toda aquela vida.
Era um amor profundo
que tornou, das terras,
aquele vale
o mais fecundo.

Rio Doce era o seu nome.
Quanto tempo o rio levará
para renascer da vida
o seu enxame?
Se estão as suas águas mortas,
ao reviver, será o mesmo rio,
com as suas vias tortas?

Ou será outro rio, ressurgido
de suas margens açoitadas,
e de suas
ondas abortadas?

Poderá renascer o rio,
depois de ter sido devorado
em suas entranhas?
O que o salvará?

A mão dos homens
e suas barganhas?

Quanto tempo leva,
o Rio Doce,
a desaguar no mar
desde o seu nascimento?
Quanto tempo a
nostalgia das ondas em seu
imorredouro sofrimento?

Quanta água leva,
até a gênese do rio
e o seu correr?
Terão as correntes
a sua própria
estação de nascer?

De aprender a achar seus caminhos,
de amar outras nascentes e
desandar dentro
da terra seus carinhos?

A barragem da mineradora
era mal formada,
porque por homens construída.
Como deter a força da água enlameada,
quando ela irrompe, com seus vórtices,
desinibida?

Quanto tempo gera o tempo,
para apagar dos homens
os seus querereres
e a sua antiética política
de mal amados seres?

De quem é a culpa
da morte do Rio Doce?
Da empresa
e seus escrúpulos?

Há uma voz que clama
além de nossa vontade,
há uma voz que diz que nós

enterramos o rio com a nossa
quotidiana vaidade.

Nós somos aqueles
que sustentamos
a ganância que leva ao inchaço.
Nós e a
nossa ambição do fútil,
cobiça do ouro,
cupidez do aço.

É das entranhas da terra que
retiramos a matéria da máquina
que expomos aos
nossos vizinhos com tanto orgulho.
É das vísceras da pátria que
retiramos as vigas para sustentar o nosso
civilizatório e nebuloso futuro.

Agora, às margens de Colatina,
quase tudo morreu.
Inclusive a narcísica figura
do que pensei que fosse eu.

Hoje não me vejo no rio,
ele não reflete mais a antiga imagem.
Aquilo que ele de mim revela
não é mais do que uma miragem.

É como se um ser abandonado se
negasse a querer nos ver
como um castigo para uma culpa indizível,
uma culpa que deveria permanecer,
por decênios, inesquecível.

Das águas mortas do Rio Doce,
inimagináveis criaturas surgem
percebendo o seu trágico fim.
Seres que por olhos humanos urgem,
agora subjazem à morte das águas
e revelam o seu morto mistério assim.

Seres subaquáticos de uma resistência indizível,
subjugados são pela morte de sua morada,

antes guardiã de seu segredo invisível,
igualmente o seu manto, mãe e alvorada.

De que adianta um poema insone,
uma balada fria,
diante
da dor infame?

Diante da morte que subtrai o
irreparável
e da vida que perde o seu útero
inexpugnável?

Quem renovará o destino das águas
que, agora, ganham vida somente
quando brotam das lágrimas
dos olhos sedentos dos homens,
das mulheres aflitas e das
crianças insones?

Aproveitemos para chorar
enquanto, do breve futuro,
restar,
a lembrança, dos dias divinos,
que
já não haveremos de deixar
de
herança para nossos filhos.

Eis que, assim,
em nossa triste e
breve aventura pelo
mundo
vamos tornando o nosso coração
mais imundo,
matando, pouco a pouco,
aquela que deveria ser
a mais grandiosa
realeza:

a humilde e generosa
Natureza.